

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL CAMPUS CHAPECÓ

**CURSO LICENCIATURA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO II**

MARIE ANGE RICHER

**UMA AUTOETNOGRAFIA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA IMIGRAÇÃO HAITIANA
EM CHAPECÓ, SC**

CHAPECÓ

2025

MARIE ANGE RICHER

**UMA AUTOETNOGRAFIA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA IMIGRAÇÃO HAITIANA
EM CHAPECÓ, SC**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção de título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adiles Savoldi

CHAPECÓ/SC

2025

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Richer, Marie Ange
UMA AUTOETNOGRAFIA SOBRE A
EXPERIÊNCIA DA IMIGRAÇÃO HAITIANA EM CHAPECÓ, SC /
Marie Ange Richer. -- 2025.

1 f.:il.

Orientadora: Adiles Savoldi

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em
Ciências Sociais, Chapecó, SC, 2025.

I. Savoldi, Adiles, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MARIE ANGE RICHER

UMA AUTOETNOGRAFIA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA IMIGRAÇÃO HAITIANA EM
CHAPECÓ, SC

Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Ciências
Sociais da Universidade Federal da Fronteira do Sul,
Câmpus Chapecó. como requisito para obtenção do título
de título licenciatura em ciência sociais.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 8 de dezembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 ADILES SAVOLDI
Data: 08/12/2025 20:36:02-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dra. Adiles Savoldi - UFFS - (orientadora)

Documento assinado digitalmente
 FABIO CARMINATI
Data: 09/12/2025 08:35:44-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Fabio Carminati - UFFS

Documento assinado digitalmente
 GERUZA TAVARES D'AVILA
Data: 09/12/2025 12:27:23-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Geruza Tavares D'Ávila - FURG

Dedico este trabalho a todos os imigrantes haitianos que, assim como eu, cruzaram fronteiras carregando sonhos, memórias e coragem. A cada um que encontrou em Chapecó/SC um novo lugar para recomeçar, deixo aqui o meu respeito e minha gratidão dedico também à minha família, que sempre acreditou em mim e sustentou minha caminhada, mesmo à distância. Que esta pesquisa honre nossa história, nossa luta e nossa esperança.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Jeová, que sempre me dá força e determinação para chegar até aqui. Agradeço especialmente aos meus pais, Ilsoina Lafleur e Oréné Richer, que sempre cuidaram de mim e investiram seu tempo e dinheiro na minha educação. Eles sempre estiveram ao meu lado e acreditaram em mim. Graças a vocês, tornei-me a pessoa que sou hoje. Amo vocês!

Agradeço ao Dimitry Jacques, que sempre me apoia e permanece ao meu lado nos bons e maus momentos. Você sempre me aconselha e me dá forças. Muito obrigada por tudo.

A Nadeige, minha irmã, que estudou comigo desde o início do curso até o final, você foi um verdadeiro pilar de encorajamento para mim. Esteve sempre ao meu lado. Muito obrigada por todo o apoio que me deu.

Um agradecimento especial à minha orientadora, Professora Doutora Adiles Savoldi, pela paciência, apoio e dedicação. Obrigada por acreditar em mim, me acompanhar nessa trajetória e me dar todo o suporte necessário para que este projeto se concretizasse. Muito obrigada!

Agradeço também a todos os meus professores e professoras, que me incentivaram, ajudaram e ensinaram com tanta paciência. Muito obrigada! Tenho eterna admiração pelo trabalho de cada um de vocês, saibam que são verdadeiras fontes de inspiração.

Agradeço também à minha irmã Audline, que me encorajou com tanto carinho. Muito obrigada pela dedicação, fico feliz por ter você como irmã. Ao meu cunhado Daphnet e à minha sobrinha Ana Júlia, vocês foram um grande apoio para mim. Um agradecimento especial aos meus dois irmãos, Willy e Orenor mesmo de longe, vocês me deram motivação.

Agradeço ao meu colega Lucas, pelo apoio e dedicação, e a todos os colegas da UFFS. Sem a motivação de vocês, eu não teria chegado até aqui. Muito obrigada a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha formação.

Agradeço aos meus entrevistados, por disponibilizarem um tempo do seu dia para responder aos questionamentos da minha pesquisa. Vocês são muito importantes, não só para este trabalho, mas também para o mundo. Sou profundamente grata e admiro a dedicação e a história de cada um de vocês.

Por fim... meu sincero agradecimento a todos.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta uma autoetnografia sobre a experiência da imigração haitiana em Chapecó, Santa Catarina, articulando relatos pessoais da autora com as vivências coletivas de um grupo de haitianos que se reúne no Salão do Reino das Testemunhas de Jeová, no bairro Jardim América. A pesquisa investiga os motivos que levaram os haitianos a escolher o Brasil como destino migratório, as dificuldades enfrentadas no ingresso ao país e os processos de adaptação sociocultural, considerando desafios cotidianos como trabalho, moradia, saúde, educação, discriminação e xenofobia. O estudo contextualiza historicamente e socialmente o Haiti, destacando sua vulnerabilidade econômica, os impactos do terremoto de 2010 e as crises políticas e ambientais que intensificaram a emigração. Também apresenta o desenvolvimento do fluxo migratório haitiano para o Brasil, com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), Organização para as Migrações (OIM) e Alto comissariado das nações unidas para refugiados (ACNUR), ressaltando a atuação brasileira na Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH) como um dos fatores que aproximaram os haitianos do país. Metodologicamente, a pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa, utilizando a autoetnografia como eixo central especialmente na modalidade étnica autoetnografia, conforme Versiani (2005) complementada por observação participante e entrevistas semiestruturadas. A autoetnografia permite analisar, de forma crítica e reflexiva, as trajetórias, estratégias de adaptação, redes de solidariedade e sentimentos de pertencimento da comunidade haitiana. A discussão dialoga com autores como Versiani, Stevenson, e Barth, abordando temas como identidade, etnicidade, políticas migratórias, violações de direitos e desafios institucionais enfrentados por imigrantes no Brasil. Os resultados evidenciam que, apesar das adversidades estruturais, da violência no percurso migratório e da insuficiente preparação dos serviços públicos, os haitianos em Chapecó constroem formas de resistência, apoio mútuo na construção de laços de sociabilidade. Conclui-se que a autoetnografia revela dimensões subjetivas e coletivas da migração que muitas vezes não aparecem em estudos tradicionais, contribuindo para ampliar a compreensão sobre as experiências haitianas no contexto urbano brasileiro.

Palavras-chave: Imigração haitiana; Autoetnografia; Chapecó; Etnicidade.

Abstract

This Final Course Paper presents an autoethnography on the experience of Haitian immigration in Chapecó, Santa Catarina, articulating the author's personal accounts with the collective experiences of a group of Haitians who gather at the Kingdom Hall of Jehovah's Witnesses in the Jardim América neighborhood. The research investigates the reasons that led Haitians to choose Brazil as their migratory destination, the difficulties they faced upon entering the country, and the processes of sociocultural adaptation, considering everyday challenges such as work, housing, health, education, discrimination, and xenophobia. The study provides a historical and social contextualization of Haiti, highlighting its economic vulnerability, the impacts of the 2010 earthquake, and the political and environmental crises that intensified emigration. It also presents the development of Haitian migratory flows to Brazil, based on data from the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), the Observatory of International Migration (OBMigra), the International Organization for Migration (IOM), and UNHCR, emphasizing Brazil's role in the United Nations Stabilization Mission in Haiti (MINUSTAH) as one of the factors that fostered closer ties between Haitians and the country. Methodologically, the research is grounded in a qualitative approach, using autoethnography on its central axis—particularly the ethnic autobiography modality, according to Versiani (2005) —complemented by participant observation and semi-structured interviews. Autoethnography enables a critical and reflective analysis of the trajectories, adaptation strategies, solidarity networks, and feelings of belonging within the Haitian community. The discussion draws on authors such as Versiani, Stevenson, and Barth, addressing themes such as identity, ethnicity, migration policies, rights violations, and institutional challenges faced by immigrants in Brazil. The results show that, despite structural adversities, violence along the migratory route, and the insufficient preparedness of public services, Haitians in Chapecó build forms of resistance and mutual support in the creation of social bonds. The study concludes that autoethnography reveals subjective and collective dimensions of migration that often do not appear in traditional studies, contributing to a broader understanding of Haitian experiences in the Brazilian urban context.

Keywords: Haitian immigration; autoethnography; Chapecó; ethnicity.

REZIME

Travay Fen Kous sa a prezante yon otoetnografi sou eksperyans imigrasyon ayisyèn nan vil Chapecó, Eta Santa Catarina, kote otè a rakonte pwòp istwa li ansanm ak eksperyans kolektif yon gwoup Ayisyen ki reyini nan Sal Wayòm Temwen Jewova yo nan katye Jardim América. Rechèch la egzamine rezon ki fè Ayisyen yo chwazi Brezil kòm peyi destinasyon, difikilte yo rankontre lè y ap antre nan peyi a epi pwosesis adaptasyon sosyokiltirèl yo, konsidere defi yo fè fas chak jou tankou travay, lojman, sante, edikasyon, diskriminasyon ak ksenofobi. Etid la mete Ayiti nan yon kontèks istorik ak sosyal, mete aksan sou vilnerabilite ekonomik li, enpak tranblemanntè 2010 la, ak kriz politik ak anviwònman ki ogmante kantite moun k ap kite peyi a. Li prezante tou devlopman koule migrasyon ayisyèn nan direksyon Brezil, baze sou done IBGE, OBMigra, OIM ak ACNUR, epi li soulinye wòl Brezil nan MINUSTAH kòm youn nan faktè ki te pwoche Ayisyen yo ak peyi a. Metodolojikman, rechèch la baze sou yon apwòch kalitatif ki itilize otoetnografi kòm akt prensipal, espesyalman nan fòm “ethnic autobiography” jan Versiani (2005) prezante li, epi konplete ak obsèvasyon patisipan ak entèvyou semi-estriktire. Otoetnografi a pèmèt yon analiz kritik ak reflechi sou trajè, estrateji adaptasyon, rezo solidarite, ak sans apatenans kominote ayisyèn nan. Diskisyon an chita sou panse otè tankou Versiani, Stevenson, ak Barth, epi li trete tèm tankou idantite, etnisite, politik migratwa, vyolasyon dwa, ak defi enstitisyonèl imigran yo konfwonte nan Brezil. Rezilta yo montre ke, malgre difikilte estriktirèl yo, vyolans nan chemen migratwa a, ak mank preparasyon sèvis piblik yo, Ayisyen ki ap viv nan Chapecó devlope fòm rezistans, sipò mityèl ak konstriksyon lyen sosyal. Konklizyon an montre ke otoetnografi a revele dimansyon subjektif ak kolektif nan migrasyon an, dimansyon ki souvan pa parèt nan lòt kalite etid, e konsa li kontribye pou elaji konpreyansyon sou eksperyans Ayisyen yo nan kontèks ibano brezilyen an.

Mo kle: Imigrasyon ayisyèn; Otoetnografi; Chapecó; Etnisite

RÉSUMÉ

Ce travail de fin d'études propose une autoethnographie de l'expérience migratoire haïtienne à Chapecó (Santa Catarina), articulant les récits personnels de l'auteure avec les vécus d'un groupe de migrants haïtiens se réunissant dans la Salle du Royaume des Témoins de Jéhovah, dans le quartier Jardim América. L'étude analyse les raisons ayant conduit ces migrants à choisir le Brésil, les obstacles rencontrés lors de l'entrée sur le territoire, ainsi que les processus d'adaptation socioculturelle marqués par des défis liés au travail, au logement, à la santé, à l'éducation, à la discrimination et à la xénophobie. La recherche replace la migration dans le contexte historique et social d'Haïti, en soulignant la vulnérabilité économique du pays, les conséquences du séisme de 2010 et les crises politiques et environnementales qui ont intensifié les départs. Elle retrace également l'évolution des flux migratoires haïtiens vers le Brésil à partir de données de l'IBGE, de l'OBMigra, de l'OIM et de l'ACNUR, et met en lumière l'influence de la participation brésilienne à la MINUSTAH dans le rapprochement entre les deux pays. Méthodologiquement, l'étude s'inscrit dans une approche qualitative centrée sur l'autoethnographie — en particulier dans sa modalité d'ethnic autobiography selon Versiani (2005) —, complétée par l'observation participante et des entretiens semi-structurés. Cette approche permet une analyse critique des trajectoires, stratégies d'adaptation, réseaux de solidarité et dynamiques d'appartenance au sein de la communauté haïtienne. La discussion s'appuie sur des auteurs tels que Versiani, Stevenson, et Barth pour aborder les notions d'identité, d'ethnicité, de politiques migratoires et de violations de droits. Les résultats révèlent que, malgré les adversités structurelles, les violences du parcours migratoire et les limites des services publics, les Haïtiens de Chapecó développent des formes de résistance et des réseaux de soutien mutuel favorisant la création de liens sociaux. L'autoethnographie permet ainsi de faire émerger des dimensions subjectives et collectives de la migration souvent absentes des approches traditionnelles, contribuant à une compréhension plus profonde de l'expérience haïtienne en milieu urbain brésilien.

Mots-clés: Immigration haïtienne; Autoethnographie; Chapecó; Ethnicité.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, GOOGLE MAPS, O DEPARTAMENTO DE NASCIMENTO DE NILSON
27

FIGURA 2: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, GOOGLE MAPS, O DEPARTAMENTO DE NASCIMENTO DE TIJO **29**

FIGURA 3: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, GOOGLE MAPS, O DEPARTAMENTO DE NASCIMENTO DE AUDE **31**

FIGURA 4: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, GOOGLE MAPS, O DEPARTAMENTO DE NASCIMENTO DE NADINE
33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MINUSTAH	Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti
OBMIGRA	Observatório das Migrações Internacionais
OIM	Organização Internacional para as Migrações
SC	Santa Catarina
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
ChatGPT	Conversacional Generative Pré-trained Transformer

Sumário

INTRODUÇÃO	13
METODOLOGIA	14
A partida: entre a necessidade e a esperança de um mundo melhor. Características sociais e econômicas do Haiti	16
1.2 AUTOETNOGRAFIA	18
Haitianos em Chapecó: espaços de sociabilidade na diáspora	22
1.2 As Experiências Religiosas	23
2.1 As Reuniões e a Organização das Congregações	23
2. Seleção dos participantes da pesquisa	25
2 .2. 1 Os sujeitos da pesquisa: narrativas sobre as experiências migratórias.	26
2. 2. 2 Dificuldade que os migrantes encontraram	
2.3 Apoio que os migrantes encontraram em chapecó	41
3 Conclusão	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

INTRODUÇÃO

O trabalho abordou a imigração haitiana em Chapecó, SC, para o desenvolvimento da pesquisa adotou-se como metodologia a autoetnografia que consistiu em registrar minhas experiências e vivências como imigrante. Para ampliar o escopo da pesquisa abordou-se também um grupo de haitianos que migrou para Chapecó e que se reunia semanalmente no Salão do Reino das Testemunhas de Jeová, na Rua Regente Lima e Silva, no Jardim América. Esses encontros, além de atividades religiosas, foram momentos de interação e partilha entre os membros da comunidade. Neles, foi possível observar e dialogar sobre trajetórias migratórias, estratégias de resistência e solidariedade, bem como práticas culturais e religiosas.

As questões que nortearam a pesquisa foram: por que os haitianos escolheram o Brasil para emigrar? Quais foram as dificuldades dos Haitianos para ingressar no Brasil? Como aconteceu o processo de adaptação? Essa pesquisa buscou compreender a experiência de imigração da comunidade haitiana em Chapecó, com foco em seus processos de adaptação sociocultural, desafios cotidianos, emocionais, e estratégias de pertencimento. E também analisar os principais desafios enfrentados pelos haitianos no cotidiano da cidade, como acesso ao trabalho, moradia, saúde, educação e relações sociais. Com essa abordagem o objetivo geral desta pesquisa consiste em compreender, por meio de uma abordagem autoetnográfica, a experiência da imigração da comunidade haitiana em Chapecó, com foco em seus processos de adaptação sociocultural, desafios cotidianos, emocionais, e estratégias de pertencimento. E os objetivos específicos desta pesquisa buscaram investigar os motivos que levaram a mim e a outros os imigrantes haitianos a escolher Chapecó como destino migratório. Analisar os principais desafios enfrentados pelos haitianos no cotidiano da cidade, como acesso ao trabalho, moradia, saúde, educação e relações sociais.

O Haiti é um país caribenho situado na América Central, situado na ilha de Hispaniola, no Mar do Caribe. Sua única fronteira terrestre é a Leste com a República Dominicana. No final do século XV, Cristóvão Colombo desembarcou no território haitiano, mas foi a França que realizou a colonização do país. A independência nacional foi conquistada no dia 1º de janeiro de 1804, sendo a primeira república da América Latina a conseguir autonomia política. Com extensão territorial de 27.750 quilômetros quadrados, a população é de aproximadamente 10,1 milhões de habitantes, sendo a densidade demográfica de 361,5 habitantes por quilômetro quadrado e o crescimento demográfico é de 1,5% ao ano. A economia haitiana é considerada pouco desenvolvida. (Mundo da educação,2025).¹

O Terremoto de 2010 provocou a morte de mais de 200 mil pessoas e destruiu grande

¹ <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/haiti.htm>

parte da infraestrutura do país. O país sofre constantemente com furacões e tempestades tropicais, o que agrava a pobreza. Muitas famílias não têm acesso ao atendimento de necessidades básicas como alimentação, saúde e educação. Há poucas oportunidades de trabalho, baixos salários e governos instáveis marcados por corrupção e crises políticas frequentes que enfraquecem as instituições. Essa situação ajudou a promover a emigração.

METODOLOGIA

O primeiro passo para a execução deste trabalho envolveu uma pesquisa bibliográfica detalhada sobre os termos relacionados ao tema em questão. As palavras-chave utilizadas foram: Imigração haitiana, Autoetnografia, Chapecó, Etnicidade e com recorte temporal de 2010 a 2025. No decorrer da realização deste trabalho, não se buscou apenas questionar, mas também ouvir e interagir, com o objetivo de compreender os sentidos e significados atribuídos pelos entrevistados em relação ao objeto de estudo. Para a organização e análise dos dados, utilizou-se o apoio da Inteligência Artificial (ChatGPT), a fim de estruturar melhor as respostas conforme os temas abordados. O propósito dessa pesquisa foi identificar materiais publicados em fontes confiáveis como, IBGE, OBMigra ACNUR e OIM Scielo, Portal da CAPES, repositório da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). A presente pesquisa foi desenvolvida com base na abordagem qualitativa, utilizando como principal método a autoetnografia, uma vertente metodológica que combina autobiografia e etnografia, permitindo que o pesquisador utilize suas próprias experiências pessoais e de um grupo de haitianos que migrou para Chapecó como material analítico para refletir sobre um fenômeno coletivo. Conforme Versiani, 2005 a autoetnografia pode ser classificada nas seguintes possibilidades:

Native anthropology ou etnografias produzidas por membros do grupo estudado que receberam treinamento formal em antropologia e que retornam ao seu grupo cultural de origem para escrever uma etnografia (1); ethnic autobiographies ou narrativas, testemunhos, relatos de vida ou autobiografias escritas por autores membros de grupo étnico escolhidos como tema de investigação (2); autobiographical ethnography ou escritos auto reflexivos de antropólogos cuja experiência pessoal e profissional é inserida e analisada na própria escrita etnográfica, especialmente marcada por preocupações metodológicas e epistemológicas, antropológico. (3) (Versiani, 2005, p.211).

De acordo com Versiani (2005), a autoetnografia pode ser classificada em três categorias: *native anthropology*, *ethnic autobiographies* e *autobiographical ethnography*. Esta pesquisa se insere especialmente na segunda categoria – *ethnic autobiographies* – ao buscar compreender, por meio do relato de experiências individuais e coletivas, os significados e desafios enfrentados pela comunidade haitiana imigrante em Chapecó, com ênfase nas vivências da autora enquanto imigrante e pesquisadora.

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, mobilizando diferentes técnicas de produção de dados que se complementam: Autoetnografia, observação participante e entrevistas semiestruturadas.

- Narrativa pessoal da pesquisadora (Autoetnografia)

Como imigrante haitiana residente em Chapecó desde 2018, utilizarei minhas próprias memórias, vivências e reflexões sobre o processo de migração, adaptação e inserção na sociedade local. Essa perspectiva interna permite acessar dimensões subjetivas, afetivas e culturais do fenômeno migratório que frequentemente escapam a abordagens distanciadas ou puramente objetivistas.

O trabalho de Versiani contribui ao oferecer uma reflexão crítica sobre a inserção de imigrantes haitianos no Brasil, destacando desafios sociais, identitários e institucionais. Sua abordagem fundamenta a análise das estratégias de adaptação e experiências de discriminação enfrentadas pelos haitianos em contextos urbanos, isso ajudará a embasar minha pesquisa com fundamentos perspectivas estruturais.

A observação participante foi realizada durante os encontros religiosos e sociais da comunidade haitiana no Salão do Reino das Testemunhas de Jeová, localizado no bairro Jardim América, em Chapecó. A observação participante é uma técnica central na pesquisa qualitativa com inspiração etnográfica, que permite ao pesquisador compreender significados e dinâmicas sociais a partir da convivência direta com o grupo investigado. Foram realizadas entrevistas com aproximadamente 4 a 6 imigrantes haitianos residentes em Chapecó, selecionados por acessibilidade e diversidade de perfil (tempo de residência, gênero, idade, ocupação e acesso a serviços públicos). As entrevistas foram realizadas em crioulo, francês ou português, conforme a preferência do(a) participante, buscando explorar temas como: motivos da migração, processo de chegada ao Brasil, acesso à moradia, trabalho, saúde, educação, experiências de discriminação ou acolhimento, e estratégias de adaptação.

As entrevistas semiestruturadas permitem explorar a experiência dos participantes de forma aberta, respeitando suas narrativas, ao mesmo tempo em que garantem foco em temas previamente definidos. A análise dos dados foi feita a partir da análise de conteúdo temático

destacando categorias que emergiram dos relatos e observações, como: dificuldades na chegada, acesso à documentação, experiências de trabalho, moradia, preconceito, pertencimento e superações. A abordagem autoetnográfica permitirá articular essas categorias com a experiência da autora, criando uma narrativa crítica e reflexiva.

Para analisar a etnicidade adotamos a perspectiva de Barth (2005), que entende que as identidades étnicas são construídas de modo relacional conforme o contexto vivenciado, assim como a cultura, se caracterizam como fluxos dinâmicos.

Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e sua participação foi voluntária, assegurando o anonimato e o sigilo das informações, conforme os princípios éticos da pesquisa com seres humanos. Com essa metodologia, foi possível analisar os principais desafios enfrentados pelos haitianos no cotidiano espera-se não apenas documentar a realidade vivida pelos imigrantes haitianos em Chapecó, mas também contribuir para o reconhecimento de suas vozes, saberes e resistências no contexto social brasileiro.

No primeiro capítulo abordou-se as características sociais do Haiti, e a experiência e vivência da autora na autoetnografia. No segundo capítulo foram analisadas as experiências dos sujeitos da pesquisa com foco nos espaços de sociabilidades, o salão do Reino das testemunhas de Jeová, as leituras nativas acerca das relações com o sagrado e as significações sobre processo migratório.

1.1 CAPÍTULO I

A partida: entre a necessidade e a esperança de um mundo melhor. Características sociais e econômicas do Haiti

Neste capítulo abordarei aspectos sociais e econômicos da migração Haitiana e a minha experiência como migrante. A migração haitiana em massa para o Brasil a partir de 2010 pode ser parcialmente explicada pelo terremoto devastador ocorrido naquele ano, somado ao contexto de crise econômica global e à atuação diplomática brasileira no Haiti, especialmente no âmbito da MINUSTAH². Em 2021, o Fundo Monetário Internacional (FMI) mostra que o Produto Interno Bruto (PIB) per capita do país é de 1904 dólares. O índice de pobreza chegou a 60% da população no ano de 2020, conforme indica o Banco Mundial, o que foi agravado pela crise sanitária ocasionada pela pandemia de que foi agravado pela crise sanitária ocasionada pela pandemia da covid-19.

² Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti

Para Paloma Guitarra(2016), o Haiti é um país não industrializado, com economia centrada no setor terciário e na agricultura. Esta representa uma parcela de aproximadamente 22% do PIB do país, que é atualmente de US\$22,43 bilhões. A produção agropecuária haitiana inclui cana-de-açúcar, milho, mandioca, manga, banana, goiaba e vegetais de modo geral. A indústria é responsável por 20% do PIB, destacando-se o setor têxtil, o de refino de açúcar, moagem de farinha, montagem de componentes eletrônicos e cimento.

Segundo IBGE (2012) o povo haitiano já estava presente no Brasil desde 1940, mas o fluxo migratório Haitiano teve início em 2010 depois do terremoto que devastou o Haiti e causou mais de 200 mil mortes. Antes do fluxo migratório Haitiano no Brasil que iniciou depois do terremoto de 1 janeiro de 2010 não existem documentos, publicações detalhadas, sobre a presença de haitianos no Brasil no século XX. Para Araújo e Oliveira (2014), até 1940, as nacionalidades de imigrantes com números não expressivos eram identificadas nos censos como “outras”, mas a partir dessa data passaram a identificar todas, independentemente do número. Sendo assim, registraram a presença de 16 haitianas(os) no Brasil em 1940, 16 haitianos; em 1950 - 21; em 1960 -159; em 1970 - 90; em 1980 - 127; em 1991 - 141; em 2000 - 15; e em 2010 - 36 pessoas (Araújo; Oliveira, 2014). Por se tratar de um número pequeno no conjunto dos migrantes no Brasil, essa migração não foi objeto de estudo até 2010. Segundo Handerson (2018):

Em janeiro de 2012, havia aproximadamente dois mil haitianos na fronteira Brasil, Colômbia, e Peru, e já eram passados dois anos desde a vinda deles por esse circuito. “Inicialmente, interessava me saber como se constituíram a chegada dos primeiros à região, para melhor compreender a dinâmica e a lógica da sua mobilidade nessa fronteira os meus interlocutores haitianos com mais tempo no local (desde algumas semanas até três meses), aguardavam o protocolo para seguir viagem em direção a Manaus, a outros estados brasileiros ou territórios.” (Handerson, 2018 p-174).

Ainda conforme Handerson (2018), na segunda semana de fevereiro de 2010, chegou um primeiro grupo de 12 haitianos, quatro mulheres (duas jovens de 16 e 17 anos) e oito homens pedindo ajuda. Aí eles receberam ajuda com padre Gonzalo, este entrou, então, em contato com o Alto Comissariado das Nações Unidas (ACNUR) sediado em Brasília, informando a presença de alguns haitianos na cidade pedindo refúgio e recebeu orientação para levá-los à Polícia Federal (PF), com o intuito de iniciar os procedimentos burocráticos. Lá os haitianos fizeram entrevistas, receberam o “protocolo” – documento legalizador da situação estrangeira no país,

no qual se mencionava solicitação de refúgio. Uma semana depois da chegada desses primeiros, vieram mais 20, após, 30, e assim, em maio de 2010, 150 haitianos moravam em Tabatinga. (Handerson, 2018, p.174) De acordo com dados do Observatório das Migrações Internacionais (OBMIGRA), em 2022, 6.770 haitianos foram registrados no Brasil, um número bem menor do que em anos anteriores. No entanto, de acordo com projeções do ACNUR, atualmente cerca de 161 mil pessoas haitianas vivem no Brasil. O texto das diásporas contemporâneas no Brasil: Os processos migratórios e a adaptação do país de Stevenson (2023), apresenta o Brasil como um país historicamente marcado por ondas migratórias, desde a colonização portuguesa até os fluxos mais recentes. O texto discute o aumento recente de imigração, apoiado em dados do IBGE. A interpretação de que a modernização e crescimento econômico atraíram mão de obra qualificada é pertinente em relação ao caso Haitiano. Aponta de forma apropriada o paradoxo da escolha do Brasil como destino migratório por parte de haitianos e destaca a atuação brasileira na MINUSTAH. (Stevenson, 2023 p 10-17)

Segundo Stevenson

imigrantes já enfrentam a marginalização e sofrem significativamente com preconceito e xenofobia. Essa estigmatização persiste quando eles precisam acessar serviços públicos, pois muitas vezes são vítimas da falta de conhecimento por parte dos agentes públicos acerca dos direitos dos imigrantes e dos recursos legais disponíveis para garantir esses direitos” Stevenson, 2023, p.29

1.2 AUTOETNOGRAFIA

Pelo fato de ser imigrante, busquei registrar minhas experiências e vivências, além de dialogar com migrantes haitianos que se encontram semanalmente no Salão do Reino das testemunhas de Jeová, na Rua Reg. Lima e Silva, no Jardim América em Chapecó, SC. As questões de pesquisa problematizam as experiências da chegada em Chapecó, a busca pela regulamentação da documentação e as experiências vivenciadas em Chapecó.

Depois que terminei o ensino médio, minha mãe sempre dizia que não me deixaria fazer faculdade no Haiti por causa da violência. Ela tinha muito medo de nos ver sair de casa para ir à escola. Lembro que, uma semana depois de concluir o ensino médio, um amigo da minha mãe, que era magistrado da cidade, me ofereceu uma bolsa de 50% para estudar Administração. Mas minha mãe não permitiu que eu fizesse o curso, justamente por causa da situação do país.

Por isso, quando finalizei o ensino médio, em 2016, ela procurou uma agência para conseguir um visto e me possibilitar vir ao Brasil e dar continuidade aos meus estudos. No dia 4 de janeiro de 2018, deixei o Haiti, junto com minha irmã Nadeige, com o objetivo de migrar para o Brasil e estudar. Saí de casa de manhã e fui direto ao Aeroporto Toussaint Louverture, que fica em Port-au-Prince. Peguei o voo às 13h e cheguei ao Panamá às 15h para fazer escala. Depois, peguei outro voo às 15h30 com destino ao Brasil. Cheguei a São Paulo à 1h da madrugada. Fiquei cerca de 17 horas em São Paulo e, às 17h, deixei a cidade para seguir viagem até Chapecó. Em abril de 2018, comecei a conhecer a UFFS. Logo depois, iniciei um curso de português, que concluí em dezembro de 2018. Pouco antes, em novembro, fiz a prova para ingressar na universidade. Inscrevi-me nos cursos de Letras e Administração, mas minhas notas não foram suficientes para entrar nessas áreas. Então, optei por Ciências Sociais. A princípio, minha ideia era mudar para Administração mais tarde, mas comecei a gostar do curso e decidi continuar. Estudar na UFFS foi uma das melhores decisões que tomei na vida. Sou muito grata à minha mãe, que teve essa visão e me incentivou a estudar fora do país. Quando cheguei ao Brasil, em 2018, fui bem acolhida. Tive um amigo que já estudava na UFFS, e foi por meio dele que conheci a universidade. Eu não falava nada de português, e ele me ajudou muito: encontrou uma casa para alugarmos, nos ajudou a tirar o CPF – nosso primeiro documento aqui.

As Testemunhas de Jeová que conheci no Salão do Reino, no bairro Jardim América, também foram um grande apoio para mim. Lá encontrei um casal que se tornou muito amigo e que foi comigo até a Cidade Dionísio Cerqueira para fazer os documentos. Naquela época, era muito difícil para estrangeiros conseguirem se documentar em Chapecó.

Posso dizer que amo o Brasil. Tive boas experiências. Ser imigrante não é fácil, por causa da barreira linguística, das diferenças culturais, da discriminação por ser negra e estrangeira, e também pelo preconceito. Mas, apesar de tudo isso, posso afirmar que vivi mais coisas boas do que ruins aqui.

Consegui trabalhar, me sustentar e conquistar o meu sonho de fazer faculdade. A UFFS oferece oportunidades para muitos estrangeiros. Existe um programa específico para haitianos chamado Pro-Haiti, que permite a vários de nós ter acesso ao ensino superior.

No Haiti, é comum a crença de que os haitianos que migram para outros países levam uma vida de luxo, sem estresse ou dificuldades, e que conseguem dinheiro com facilidade apenas por estarem em um país mais desenvolvido. No entanto, com base na minha experiência pessoal e na de outros compatriotas haitianos, essa visão é equivocada. Quando cheguei ao Brasil, em janeiro de 2018, providenciei meus documentos: CPF, carteira de trabalho e Registro Nacional de Estrangeiro (RNE). Naquela época, era mais fácil conseguir o visto humanitário do que atualmente.

Depois que eu fiz meus documentos comecei a procurar emprego, fui em várias empresas em busca de emprego, não consegui trabalho, para sobreviver eu recebi ajuda do meu pai. Em agosto de 2018 fui fazer o curso de estética, me formei em dezembro de 2019 e comecei a trabalhar em 2020. Uma das dificuldades dos migrantes haitianos em Chapecó são os alugueis caros e o alto custo dos alimentos. Em 2018, fui ao mercado fazer compras com cem reais (R\$100) e consegui comprar bastante coisa. Mas, atualmente, com cem reais dá para comprar muito pouco. Hoje em dia, tudo está muito caro, e para os imigrantes a situação é ainda mais difícil, porque eles ganham pouco dinheiro. Com relação aos alugueis, é muito difícil encontrar uma casa boa para alugar, pois os preços são altos. Além disso, por causa do preconceito, alguns proprietários talvez não queiram alugar para haitianos. Outros até alugam, mas cobram um valor mais alto por serem para haitianos.

Teve um dia que eu estava com uma amiga haitiana que estava procurando uma casa para alugar. Ela viu uma casa e conversou com a dona, que é brasileira. A mulher combinou com minha amiga que alugaria a casa para ela. No dia seguinte, minha amiga voltou com o dinheiro e os documentos, conforme combinado. Mas a dona disse: "A casa teve um probleminha, vou fazer uma reforma. Espere uma semana". Minha amiga fez o que a dona pediu e esperou. Quando voltou depois de uma semana, a casa já estava alugada para outra pessoa.

Relato essa trajetória para mostrar que a vida no Brasil não é tão fácil quanto muitos haitianos no Haiti imaginam. Muitos acreditam que aqueles que migraram estão ganhando dinheiro com facilidade, mas essa não é a realidade. Além disso, os próprios haitianos que vivem aqui contribuem para essa ilusão, pois costumam postar fotos e vídeos apenas dos momentos felizes: em restaurantes, posando em frente a carros e casas que não são deles, o que reforça a imagem de uma vida luxuosa.

Mas isso não é porque têm dinheiro sobrando. Eles mandam porque querem ajudar, pois sabem que a situação no Haiti é ainda pior.

Como estão mandando dinheiro para as famílias sem explicar para elas a realidade que eles estão vivendo e trabalhando, para fazer dinheiro, sem explicar a dificuldade que eles têm por causa da língua (barreira), o clima que é diferente, assim deixa-se as famílias que estão no Haiti a pensar que as coisas são muito melhores do que a realidade.

Como muitos familiares e amigos não explicam aos interessados em migrar as dificuldades de viver em outro país como imigrante, esses acabam não se preparando emocional e socialmente para os desafios. Isso contribui para que muitos haitianos continuem migrando para o Brasil, especialmente para Chapecó. Além disso, não se pode esquecer que uma das principais causas do fluxo migratório haitiano para o Brasil é a instabilidade política no Haiti. Eu me incomodo com os pensamentos que as pessoas têm sobre a vida dos migrantes. Esse incômodo me leva a querer mostrar a realidade dos migrantes haitianos no Brasil, especialmente em Chapecó Para desconstruir essa ilusão.

Espero que a leitura deste trabalho auxilie tanto os haitianos que estão no Brasil quanto aqueles que pretendem migrar para cá, a compreender a situação real dos migrantes no país e a ter uma ideia mais realista e fiel de como é a vida no Brasil. Que este estudo também possa fortalecer a esperança daqueles que buscam novas oportunidades, mostrando que, apesar dos desafios, é possível construir caminhos de dignidade, pertencimento e realização em um novo país e desejo que cada leitor encontre, nestas páginas, motivos para acreditar que a coragem e a perseverança podem transformar dificuldades em novas possibilidades, iluminando o caminho daqueles que recomeçam suas vidas longe de sua terra natal.

Capítulo II

Haitianos em Chapecó: espaços de sociabilidade na diáspora

Neste capítulo abordaremos alguns aspectos das experiências dos migrantes haitianos em Chapecó. Serão analisados os espaços de sociabilidade, com o foco no salão do Reino das Testemunhas de Jeová e as narrativas dos sujeitos da pesquisa sobre os fluxos e vivências da migração.

Podemos dizer que os haitianos vieram ao Brasil para ter uma vida melhor, para trabalhar e também estudar. Alguns deles conseguiram ajudar as famílias que estão lá no Haiti e outros conseguiram trazer os familiares para o Brasil. Os mais jovens conseguem oportunidade para estudar em alguma universidade pública, como a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), apesar das conquistas, eles também enfrentam algumas dificuldades, por exemplo: Moradia, muitos imigrantes haitianos acabam morando em bairros periféricos, com pouca infraestrutura. Alugueis caros e falta de documentos podem dificultar o acesso a uma moradia digna.

Trabalho precário, mesmo com formação profissional. É difícil conseguir um emprego qualificado por causa da discriminação ou da não validação de diplomas. Muitas vezes aceitam salários mais baixos e condições ruins de trabalho.

Barreiras linguísticas e culturais, a língua oficial do Haiti é o creole haitiano (kreyòl ayisyen), e muitos também falam francês. A dificuldade com o português atrapalha na comunicação, no trabalho e no acesso a serviços públicos. Podemos dizer que as diferenças culturais podem causar isolamento ou preconceito. Muitos haitianos sofrem racismo e preconceito por serem negros e estrangeiros. Há casos de xenofobia, com discriminação em locais de trabalho, transporte, serviços e até escolas.

Documentação, apesar de o Brasil ter facilitado a entrada de haitianos após o terremoto de 2010, a regularização nem sempre é fácil. Dificuldade na questão do documento muitos enfrentam burocracia para tirar CPF, carteira de trabalho ou conseguir visto permanente. Em relação ao acesso aos direitos, encontram também dificuldade para acessar com os serviços públicos, mesmo com o Sistema Único de Saúde (SUS) e outros serviços gratuitos. Há dificuldades no atendimento por causa da língua, da documentação e da falta de informação.

1.2 As Experiências Religiosas

Nesta seção abordaremos também as experiências de imigração dos haitianos que participam da comunidade religiosa das Testemunhas de Jeová em Chapecó (SC). O ponto de encontro dos entrevistados foi o Salão do Reino das Testemunhas de Jeová, localizado na Rua Regente Lima e Silva, nº 483, bairro Jardim América, Chapecó.

Durkheim (2003) entende a religião como um fato social que cria coesão e pertencimento. No caso dos haitianos em Chapecó, a participação no Salão do Reino pode ser vista como um espaço de sociabilidade e reforço da solidariedade entre migrantes.

A partir das entrevistas realizadas, buscou-se compreender quem são as Testemunhas de Jeová, como funcionam suas reuniões e qual o papel da religião na vida dos imigrantes haitianos. A maioria dos entrevistados já foram testemunhas de Jeová no Haiti. Destacamos que não é objetivo da pesquisa a realização de uma análise sistemática sobre a teologia e os fundamentos religiosos das testemunhas de Jeová em Chapecó. Segundo Durkheim, “toda religião é uma espécie de técnica que permite ao homem enfrentar o mundo com mais confiança.” (Durkheim, 2003, p. 210-211)

As Testemunhas de Jeová são conhecidas mundialmente por seu trabalho de evangelização e pela defesa do uso do nome de Deus, “Jeová”. Conforme informam as próprias publicações do grupo, “as Testemunhas de Jeová dão testemunho de Jeová — o nome que o Deus Todo-Poderoso deu a si mesmo nas páginas da Bíblia” (A Sentinela, 2015, p. 6).

2.1 As Reuniões e a Organização das Congregações

As reuniões das Testemunhas de Jeová ocorrem no Salão do Reino, local destinado ao estudo da Bíblia e à adoração a Deus. São encontros abertos ao público e realizados duas vezes por semana. Em Chapecó, por exemplo, as reuniões acontecem nas quartas-feiras, das 19h30 às 21h15, e aos domingos, das 9h às 10h45, com duração média de 45 minutos cada. Nessas ocasiões, os participantes estudam textos bíblicos e discutem como aplicar seus princípios na vida diária. A participação é voluntária, e todos podem comentar durante as discussões. As reuniões iniciam e terminam com cânticos e orações.

Weber (2004) analisa a religião como produtora de sentidos e orientações para a ação. Para os haitianos, a fé e a comunidade das Testemunhas de Jeová podem funcionar como suporte moral e racionalização da experiência migratória, além de oferecer redes de apoio.

Cada congregação é supervisionada por um corpo de anciãos, grupo de homens responsáveis pela orientação espiritual e pela administração da comunidade. Cerca de 20 congregações formam um circuito, que recebe visitas regulares de anciãos viajantes, chamados de superintendentes de circuitos. As instruções gerais e orientações bíblicas são fornecidas pelo Corpo Governante, uma comissão composta por Testemunhas de Jeová experientes que atuam na sede mundial, localizada em Warwick, Nova York, Estados Unidos.

Segundo Berger (1985, p. 25), “a religião tem a função de ordenar e legitimar o mundo humano, oferecendo um universo simbólico de sentido que dá estabilidade à vida social”. Assim, o papel das Testemunhas de Jeová entre os haitianos imigrantes em Chapecó pode ser interpretado como um meio de reconstrução identitária e espiritual, que oferece conforto, pertencimento e propósito em meio às dificuldades da migração.

2. Seleção dos participantes da pesquisa

O presente Trabalho de Conclusão de Curso intitula-se “Uma autoetnografia sobre a experiência da imigração haitiana em Chapecó, Santa Catarina”. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com base na metodologia autoetnográfica, que busca compreender experiências pessoais e coletivas a partir da vivência do próprio pesquisador e de outros sujeitos envolvidos em um mesmo contexto social. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi realizado um processo de seleção de participantes pertencentes à comunidade haitiana residente na cidade de Chapecó, Estado de Santa Catarina. O recorte da pesquisa privilegiou o Espaço Salão do Reino das testemunhas de Jeová. Inicialmente, buscou-se identificar imigrantes haitianos dispostos a participar, de forma voluntária, de uma roda de conversa. Após esse primeiro contato, foram convidados quatro (4) participantes, todos residentes na cidade mencionada, para colaborar com o estudo.

O objetivo principal foi coletar relatos e memórias sobre a experiência migratória desses sujeitos, abordando suas trajetórias pessoais, as motivações que os levaram a deixar o Haiti, bem como as percepções sobre o processo de adaptação cultural, social e econômica no Brasil. Após a apresentação formal da proposta de pesquisa e o aceite dos participantes, foi agendada a data para a realização da roda de conversa, com a presença dos entrevistados Nilson, Tijo, Aude e Nadine³

Por se tratar de um estudo centrado em experiências individuais e subjetivas, a análise dos dados foi conduzida de modo interpretativo, buscando compreender os significados atribuídos pelos participantes às suas vivências migratórias. Essa abordagem permite construir um olhar sensível sobre as dimensões humanas do fenômeno da imigração haitiana na região Oeste de Santa Catarina.

³ Para preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa adotamos nomes fictícios.

2.2.1 Os sujeitos da pesquisa: narrativas sobre as experiências migratórias.

Nilson

O Nilson nasceu no Haiti e tem 31 anos. Cresceu na região litorânea, numa província de L'Asile. Vem de uma família com cinco irmãos, ele é o segundo. “Tive uma infância simples, vivendo com meus pais e irmãos”. A trajetória dele começou no dia 18 de janeiro de 2018, quando ele saiu do Haiti com destino ao Chile.



Figura 1: Elaboração própria, Google Maps, o departamento de nascimento de Nilson

“Meu nome é Nilson, nasci no Haiti e tenho 31 anos. Cresci na região litorânea, numa província. Venho de uma família com cinco irmãos, e eu sou o segundo. Tive uma infância simples, vivendo com meus pais e irmãos. Minha trajetória começou no dia 18 de janeiro de 2018, quando saí do Haiti com destino ao Chile. A viagem foi cansativa, foram cerca de 12 horas de voo. No Chile, morei por algum tempo, mas enfrentei dificuldades com documentação e não consegui trabalhar. Lá também fazia muito frio, e pensei até em voltar para o Haiti”. Foi então que conversei com um amigo que já estava no Brasil, e ele me disse que aqui havia trabalho. Decidi vir. Saí do Chile no dia 1º de novembro de 2018 e cheguei ao Brasil no dia 5 de novembro. A viagem de ônibus durou 5 dias e foi bastante cansativa.

Cheguei primeiro em Dourados, onde vivi por três anos. Depois me mudei para Chapecó, buscando mais oportunidades de trabalho e estudo. Minha namorada morava aqui, nos casamos, e estamos juntos há quatro anos. Escolhi Chapecó também porque me ofereceu oportunidades de crescer. Aqui fiz um curso técnico de logística com duração de um ano e atualmente sou estudante de Pedagogia na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). e

No Chile, eu não conseguia nem trabalhar nem obter documentos. Estava desanimado e pensei em voltar para o Haiti. Mas um amigo que estava no Brasil me disse que aqui havia mais oportunidades. Vim para cá com o objetivo de trabalhar. Escolhi Chapecó porque minha namorada morava aqui, e porque é uma cidade que oferece oportunidades de crescimento. Depois que cheguei aqui para conseguir trabalhar primeiro, precisei reunir todos os documentos. Um amigo que trabalhava na empresa Aurora pegou uma ficha para mim. Fiz a entrevista, passei nos exames (inclusive de esforço físico) e fui contratado. Mas, por causa da pandemia, precisei tomar vacinas antes de começar.

Foi um grande choque, pois no Haiti eu nunca tinha feito esse tipo de trabalho. Lá, eu ajudava meu pai na lavoura e trabalhava como mototaxista, ou às vezes como auxiliar de direção numa escola. Aqui, o trabalho exigia usar facas e era bem pesado. No começo foi muito difícil. Eu trabalhava das 2h da manhã às 2h da tarde 12 horas por dia. Era algo que eu não estava acostumado. Também tive um problema com meu chefe, que falou de forma desrespeitosa comigo, mas conseguimos resolver depois. Quando cheguei, era muito difícil encontrar casa para alugar. Procurava e não achava. Tive sorte que um amigo estava saindo de uma casa e me indicou. Assim consegui onde morar.”

Os relatos de Nilson evidenciam a importância das redes de contatos e solidariedades entre migrantes na diáspora. Em Chapecó fica evidente que o trabalho na agroindústria é o destino de muitos migrantes.

Tijo

O TiJo, nasceu no sul do país, na cidade de Aquin. Ele tem 28 anos. Cresceu em uma família onde tanto a mãe quanto o pai dele trabalhavam como agricultores. Saiu do Haiti no dia 3 de janeiro de 2018 e foi para o Chile.



Figura 2: Elaboração própria, Google Maps, o departamento de nascimento de Tijo

Eu me chamo Tijo, sou haitiano. Nasci no sul do país, na cidade de Aquin. Tenho 28 anos. Cresci em uma família onde tanto minha mãe quanto meu pai trabalhavam como agricultores. Terminei o ensino médio e, com 21 anos, deixei o Haiti com o objetivo de chegar ao Brasil. Saí do Haiti no dia 3 de janeiro de 2018 e fui para o Chile. Meu objetivo era vir ao Brasil, mas, na época, era necessário visto para vir direto do Haiti. Por outro lado, o Chile oferecia um programa específico para haitianos, que não exigia visto – bastava pagar cerca de 2.000 dólares americanos.

Por isso, passei primeiro pelo Chile, onde fiquei apenas dois dias. Em seguida, atravessei a Argentina e cheguei ao Brasil. Minha primeira parada foi na cidade de Xaxim, onde permaneci por três meses, antes de me mudar para Chapecó. Então sim, minha rota foi: Haiti – Chile – Argentina – Brasil. Esse caminho era mais viável para quem, como eu, não tinha visto para entrar diretamente no Brasil.

Não fiquei em Xaxim por várias razões. Por exemplo, para fazer meus documentos, eu precisava ir até Chapecó. Além disso, quando perguntei aos meus colegas sobre a universidade federal, me informaram que havia uma em Chapecó. Xaxim também não tem um hospital grande, enquanto Chapecó possui uma melhor estrutura de saúde.

Chapecó oferece mais oportunidades que Xaxim em termos de trabalho e estudo. Posso dizer que deixei Xaxim porque Chapecó tem mais recursos e possibilidades. Durante meu tempo no Brasil, conseguir trabalho não foi muito fácil no início. Um amigo me falou sobre uma empresa que estava precisando de alguém para trabalhar como motorista. Naquela época, eu ainda não sabia dirigir, então conversei com a chefe para saber se havia

outra vaga. Ele me ofereceu o cargo de lavador de veículos, e eu aceitei. Na verdade, eu nunca tinha lavado carros antes, nem no Haiti. Cheguei ao Brasil há pouco tempo, e estava muito frio. Lavar veículos no frio não era nada fácil, e eu ainda precisava segurar o jato de água, o que era difícil por causa do clima.

Nos três primeiros meses, foi bem complicado. Sempre que tirava um carro da garagem para lavar, alguém precisava colocar de volta, porque eu não sabia dirigir. Também não falava português, então tinha dificuldade para pedir ajuda ou materiais. Por isso, posso dizer que minha primeira experiência não foi fácil.

Não foi fácil. Em 2018, havia muitos haitianos e venezuelanos chegando à cidade, e Chapecó não estava preparada para receber tantos imigrantes. Eu estava vindo de outra cidade e pedi ajuda a um amigo para encontrar uma casa. Ele procurou por um tempo, mas não conseguiu, então fiquei um tempo morando com ele até achar uma casa.

Além disso, como eu não falava português, quando via placas de “aluga-se”, eu não sabia como conversar com o proprietário. A barreira do idioma dificultou ainda mais o processo”.

Tijo além de descrever o itinerário da viagem e estudar as possibilidades de migrar sem visto, enfatiza a problemática da adaptação ao clima frio. Sua narrativa evidencia a precariedade dos trabalhos que teve acesso.

Aude

Aude nasceu no Haiti na cidade de Jacmel e cresceu lá. Ela tem 28 anos. A infância dela foi simples, “cresci com minha família, e apesar das dificuldades do país, tive momentos felizes. Eu ajudei em casa e fui criada com valores que carrego até hoje” informa que foi difícil deixar a família que sempre foi muito unida.



Figura 3: Elaboração própria, Google Maps, o departamento de nascimento de Aude

“Meu nome completo é Aude. Eu sou do Haiti, nasci e cresci lá. Tenho 28 anos. Minha infância foi simples, cresci com minha família, e apesar das dificuldades do país, tive momentos felizes. Estudei, ajudei em casa e fui criada com valores que carrego até hoje. Minha família sempre foi muito unida”.

O Brasil foi o primeiro país para o qual migrou. “Vim com visto. Para obtê-lo, precisei da ajuda da OIM, que é a Organização Internacional para as Migrações. Meu país solicitou o visto para mim junto à OIM. No dia da entrevista para o visto, fui com meu passaporte, que ficou retido por sete meses. Depois, fui chamada para tirar o visto e, com o passaporte em mãos, comprei a passagem.

No entanto, não consegui embarcar diretamente no Aeroporto Toussaint Louverture, no Haiti, porque não havia voo direto para o Brasil. Tive que passar pela República Dominicana, mas para isso era necessário visto. Comprei o visto dominicano, a passagem de ônibus e fiquei três dias na casa do meu irmão lá. Em seguida, peguei o voo para o Brasil, com escala no Panamá, depois fui para o Rio de Janeiro. De lá, viajei para Florianópolis e, finalmente, para Chapecó.

Eu não sonhava em sair do Haiti e muito menos em vir para o Brasil. A maioria dos haitianos conhece o Brasil por causa do futebol. O que facilitou nossa migração foi um acordo entre o ex-presidente do Haiti, Michel Martelly, e a ex-presidenta Dilma Rousseff, que possibilitou a concessão de vistos para haitianos.

Depois do terremoto de 2010, muitos haitianos ficaram sem casa e sem trabalho. Muitos começaram a buscar novos lugares para viver, e o Brasil foi uma das opções. Outra razão que me trouxe ao Brasil foi a universidade. Um amigo da minha família, que já morava em Chapecó e estudava Agronomia, falou com meus pais sobre a possibilidade de estudar aqui gratuitamente. Ele mencionou o programa Pró-Haiti, voltado para estudantes haitianos. Meus pais decidiram me enviar, custeando o visto e a viagem.

Quando cheguei, fui procurar trabalho em uma empresa onde soube que estavam contratando. Durante a entrevista, o responsável perguntou se havia alguém que pudesse traduzir do crioulo para o português, porque muitos haitianos não falavam o idioma. Me ofereci como voluntária. Todos os que eu ajudei foram contratados. Depois, chegou minha vez. Fizeram perguntas, me pediram meu número e disseram que me chamariam.

Dias depois, perdi o celular e fui até a empresa tentar atualizar meu número. A responsável não me deu atenção, disse apenas que já tinha meu nome registrado e que me chamaria. Fiquei frustrada e decidi não voltar. Pouco tempo depois, comecei a trabalhar como estagiária em escolas.

Foi uma experiência muito importante. Eu atuava como tradutora para pais e alunos que não falavam português. Trabalhei com turmas do 1º ao 9º ano, mudando de sala todos os dias. Precisava explicar as atividades, o que me ajudou muito a praticar o português. No começo foi difícil, mas com o tempo ganhei mais experiência e confiança.

Não foi fácil. Procurávamos uma casa adequada, mas sempre que íamos falar com o proprietário, o preço aumentava. Isso porque havia muitos imigrantes chegando, e os aluguéis subiram. Em alguns casos, os proprietários diziam abertamente que não alugavam para haitianos, o que é preconceito. Lembro de um apartamento que gostei, mas tive medo de ir sozinha falar com o dono. Fui com uma amiga brasileira, e com ela tudo deu certo o proprietário alugou para nós”.

A elevação dos preços de aluguel, motivada pelo aumento da chegada de imigrantes, demonstra como a demanda crescente por moradia pode ser utilizada como justificativa para práticas exploratórias por parte de alguns proprietários. Contudo, para além da dimensão econômica, essa fala revela um problema ainda mais profundo: a discriminação explícita. A recusa de alguns proprietários em alugar para haitianos evidencia a presença de preconceito racial e xenofobia, elementos que impactam diretamente a experiência de adaptação e pertencimento dos imigrantes.

Nadine

E a Nadine, nasceu em 28 de agosto de 1994 em Jacmel. Quando ela tinha seis anos os pais deixaram o Jacmel para morar em Port-au-Prince. “Cresci numa família cristão éramos 5 irmãos, depois nos mudamos para o "port-au-prince”. Foi lá que ela fez o ensino médio, ela informou que convivia com a mãe, foi a mãe que criou por que o pai sempre viajava para outros país.

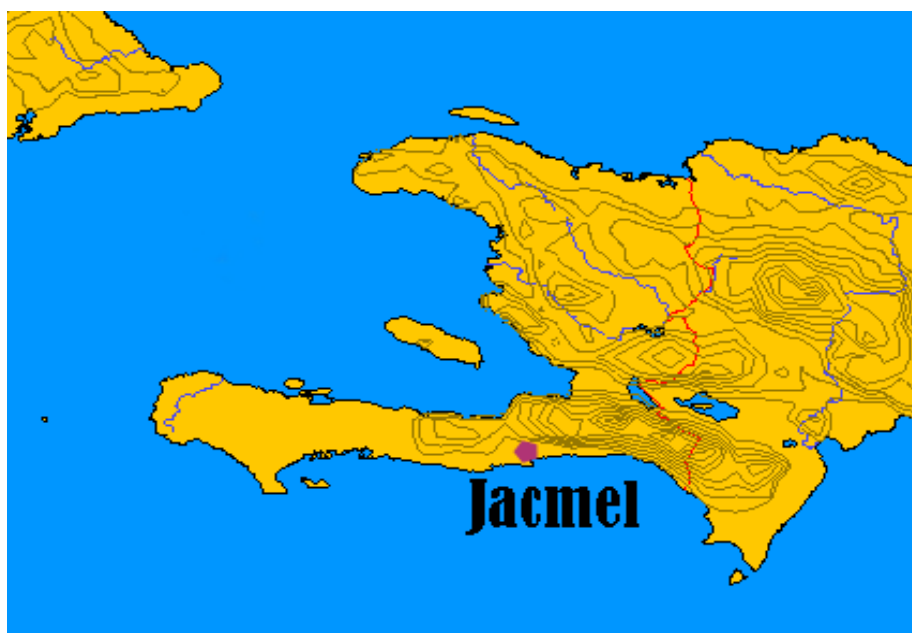


Figura 4: Elaboração própria, Google Maps, o departamento de nascimento de Nadine

“Meu nome é Nadine Nasci em 28 de agosto de 1994, em Jacmel, no Haiti. Quando eu tinha seis anos, meus pais deixaram Jacmel para morar em Porto Príncipe. Cresci em uma família cristã, com cinco irmãos. Foi em Porto Príncipe que fiz o ensino médio. Eu cresci com a minha mãe, porque foi ela quem me criou, já que meu pai sempre viajava para outros países”.

Antes de vir para o Brasil, eu nunca tinha morado em outro país. O Brasil foi o primeiro. Minha mãe sempre teve medo de a gente fazer o ensino superior no Haiti por causa da violência. A maioria das faculdades fica no centro da capital, onde há muita violência. Por isso, ela queria que a gente estudasse fora.

Naquela época, eu tinha um ex-namorado que morava no Brasil, e a irmã dele estava no processo para conseguir o visto. Então, minha mãe conversou com ela e decidiu me colocar nesse mesmo processo, pagando a taxa do visto, que custava 660 dólares. Depois, conversei com meu ex-namorado para ele procurar uma casa e deixá-la alugada para mim e para minha irmã, que viria comigo.

No dia 4 de janeiro de 2018, deixei o Haiti. Peguei um voo do Haiti para o Panamá (onde fiz uma escala de uma hora) e, de lá, segui para São Paulo. Depois, viajei de ônibus para Chapecó — foram mais ou menos 15 horas de viagem. Foi muito cansativo, porque era a primeira vez que eu fazia uma viagem assim.

A decisão para migrar em Chapecó não foi minha, essa decisão foi da minha mãe. Ela estava procurando um país para emigrar, e na época o Brasil era o mais fácil para conseguir visto. Além disso, tínhamos conhecidos aqui que poderiam nos receber. Eles falaram sobre as faculdades, então minha mãe decidiu que iríamos para cá.

Depois de 2 anos trabalhei como estagiária na Escola EBM Jacob Gisi, em 2020, e depois em uma clínica estética. Foram boas experiências. Não tive grandes desafios, porque era na área que eu gosto e conheço. Minha chefe percebeu que eu tinha capacidade. Lembro que um dia uma líder me passou vários procedimentos pesados, então conversei com ela, e depois disso ela não fez mais isso comigo. Não foi fácil encontrar moradia. Depende do tipo de casa que você procura, mas percebi que às vezes os brasileiros cobram mais caro dos imigrantes, fazem um preço para estrangeiros e outro para brasileiros.”

As narrativas de Nadine reiteram a importância das redes de contatos dos haitianos no exterior para estabelecer os itinerários e possibilidades da viagem. As dificuldades em encontrar trabalho e moradia também são mencionadas. Os pontos enfatizados como positivos são as oportunidades de realizar tanto cursos profissionalizantes quanto cursos acadêmicos.

2. 2. 2 Dificuldade que os migrantes encontraram

Os imigrantes haitianos em Chapecó enfrentam diversas dificuldades no processo de adaptação e integração à sociedade local. Muitos conseguem emprego, principalmente em agroindústrias e frigoríficos, porém geralmente em trabalhos com baixos salários, pouca estabilidade e poucas chances de crescimento profissional. A barreira do idioma também é um grande desafio, já que muitos falam francês ou crioulo haitiano, o que dificulta a comunicação, o acesso a serviços públicos e melhores oportunidades de trabalho. Além disso, a questão da moradia é um problema, pois muitos vivem inicialmente em casas compartilhadas e, em alguns casos, em condições precárias. O acesso aos serviços públicos, como saúde e documentação, apesar de ser um direito, pode ser dificultado por burocracia, falta de informação e episódios de preconceito ou discriminação. Essas experiências afetam o bem-estar e a inclusão social dos imigrantes.

Durante a realização das entrevistas com Nilson, Tijo, Aude e Nadine, buscou-se compreender as principais dificuldades vivenciadas por eles no processo de migração e adaptação à cidade de Chapecó. Os participantes compartilharam aspectos relevantes de suas trajetórias pessoais, relatando obstáculos enfrentados tanto no âmbito social quanto emocional, além das experiências de acolhimento e integração na nova realidade.

A conversa teve como propósito aprofundar a compreensão sobre as vivências cotidianas dos imigrantes, especialmente no que se refere à sensação de pertencimento, à distância familiar e aos desafios culturais e linguísticos. Para isso, foi elaborado um roteiro de perguntas semiestruturadas que orientou o diálogo, permitindo que os entrevistados se expressassem livremente. Entre as questões apresentadas, destacam-se as seguintes:

Poderia explicar como é viver longe da sua família e quais são as maiores dificuldades dessa experiência? Quais foram as principais dificuldades enfrentadas desde sua chegada ao Brasil, especialmente em Chapecó? Sabendo que a vida de um imigrante envolve diversos desafios, qual foi o maior obstáculo emocional e social que você precisou superar? Como foi o processo de comunicação em Chapecó, considerando as diferenças linguísticas e culturais? Você sofreu algum tipo de discriminação ou preconceito ao chegar à cidade? Se sim, como lidou com essa situação? Poderia relatar qual era a sua perspectiva sobre a vida como imigrante antes da mudança e se essa perspectiva corresponde à realidade que você vivencia atualmente?

Essas perguntas tiveram como objetivo compreender as percepções e experiências pessoais dos entrevistados, bem como identificar os principais desafios sociais, emocionais e culturais enfrentados por imigrantes em Chapecó. A partir dessas falas, foi possível obter uma visão mais ampla sobre os processos de adaptação, identidade e pertencimento que permeiam a experiência migratória.

Segundo Hall (2003, p. 25), “a identidade não é algo fixo, mas um processo em constante transformação, formado e reformado continuamente em relação às formas como somos representados ou interpelados na cultura que nos cerca”. Essa perspectiva ajuda a compreender como os imigrantes constroem novas identidades ao se depararem com diferentes contextos sociais e culturais, buscando equilibrar suas origens com a realidade do país que os acolhe.

A experiência de Nilson, imigrante haitiano residente em Chapecó (SC), reflete os desafios emocionais, sociais e culturais enfrentados por muitos migrantes que deixam o seu país em busca de melhores condições de vida. Ao narrar sua trajetória, Nilson expressa sentimentos de saudade, adaptação e superação, que evidenciam o processo de reconstrução de identidade vivido pelos haitianos no Brasil.

Quando chegou à cidade, ele se sentiu deslocado e desorientado diante de uma cultura completamente nova. Em suas palavras: “*A cultura era diferente, tudo era novo. Senti muita saudade da minha família no Haiti, principalmente nos primeiros tempos aqui. Me sentia triste porque não sabia quanto tempo demoraria até vê-los novamente.*” (Nilson)

Atualmente, Nilson vive com a esposa e a filha de três anos, o que representa uma importante conquista em sua trajetória migratória. Apesar disso, ele afirma que ainda sente falta de seus pais, que continuam no Haiti: “Hoje moro com minha esposa e nossa filha de três anos. Mas ainda sinto falta da minha mãe e do meu pai, que continuam no Haiti.”

Essa fala revela que, mesmo com certa estabilidade familiar no Brasil, o sentimento de não pertencimento persiste. Segundo Sayad (1998), o imigrante vive constantemente entre dois mundos: o país que deixou e o país que o recebeu, e essa condição o coloca em uma posição de permanência provisória e de busca contínua por aceitação.

Nilson relata também as dificuldades enfrentadas ao chegar ao Brasil, principalmente no trabalho, no clima e no idioma. Ele comenta:

Não posso dizer que enfrentei dificuldades que me fizeram me arrepender de vir para Chapecó, mas houve desafios, sim. Um deles foi no ambiente de trabalho: às vezes havia indiferença por parte de alguns colegas. Outro foi o clima — vim de um país tropical e não estava acostumado com o frio. Até hoje, é difícil me adaptar. Além disso, o idioma foi uma grande barreira no início, pois eu não falava português. O maior desafio foi lidar com a saudade e me adaptar a uma nova vida. Nilson⁴

As dificuldades narradas por Nilson evidenciam que o processo migratório não se resume apenas à mobilidade física, mas envolve também adaptações simbólicas, linguísticas e emocionais.

⁴ Nilson o nome do entrevistador

Em relação à discriminação e ao preconceito, Nilson explica que sua experiência foi mais sutil do que a de outros compatriotas. Esse relato evidencia o que Hall (2003) descreve como tensões identitárias e simbólicas que emergem nos encontros culturais. A identidade do migrante é constantemente negociada entre a aceitação e a rejeição, e o preconceito, ainda que velado, revela as barreiras sociais que dificultam a plena inclusão imigrante à sociedade local.

Cada entrevistado deste estudo apresentou percepções distintas sobre a imigração. No caso de Nilson, sua expectativa inicial contrasta fortemente com a realidade encontrada no Brasil. Ele acreditava que a vida do imigrante seria mais fácil, mas descobriu um cotidiano de muito trabalho e pouco descanso:

Antes de vir para o Brasil, eu pensava que tudo seria fácil. Um primo me dizia que aqui tinha trabalho e que era possível fazer dinheiro. Mas quando cheguei, vi que era diferente. A realidade era outra. Trabalhar muitas horas por dia, com pouco tempo para descanso, foi um choque. No Haiti, por exemplo, trabalhávamos das 7h às 14h. Aqui são 9 ou 10 horas por dia. (Nilson)

Nilson, porém, demonstra resiliência e esperança. Apesar das adversidades, busca construir uma vida digna em Chapecó e preservar os valores e a cultura de seu país. Seu relato representa não apenas a trajetória individual de um haitiano, mas também a voz coletiva de muitos migrantes que enfrentam desafios semelhantes na busca por reconhecimento e pertencimento no Brasil.

A autoetnografia possibilita ao pesquisador ou participante articular suas vivências pessoais com os processos sociais e culturais mais amplos. Nesse sentido, o depoimento de Tijo expressa tanto sua trajetória individual quanto as condições coletivas vividas por muitos haitianos no Brasil. Tijo relembra as dificuldades enfrentadas ao chegar ao Brasil:

Quando cheguei em Chapecó, fazia apenas três meses que eu estava no Brasil. Eu me sentia um estranho, não falava português, o que tornava tudo muito difícil, especialmente para conseguir trabalho. No emprego, quando alguém falava comigo em português, eu não sabia o que responder. A barreira linguística foi um grande desafio. (Tijo)⁵

O domínio da língua representa um dos primeiros obstáculos à inclusão social. Como argumenta Bourdieu (1998), a linguagem é também uma forma de capital simbólico,

⁵ Tijo nome do entrevistado

que determina o acesso a oportunidades e reconhecimento. A falta desse domínio limita o poder de ação do sujeito e reforça sentimentos de exclusão.

No entanto, Tijo demonstra estratégias de adaptação e resistência ao buscar aprender o português de forma autônoma:

Recebi ajuda de um amigo que já morava em Chapecó. Ele me ajudou a encontrar trabalho e até me deu apoio financeiro. Para superar essa dificuldade, comecei a assistir a aulas de português no YouTube. Meus amigos que já falavam português também me ajudaram, e praticamos juntos.(Tijo)

Essa iniciativa ilustra a capacidade de agência e aprendizado intercultural, elementos centrais na reconstrução identitária de imigrantes. A distância da família aparece como uma das experiências emocionais mais marcantes: “Senti muita saudade da minha família e a ausência deles pesava muito. Para me adaptar, comecei a fazer novas amizades. Converso com minha família todos os dias pela internet. Isso me ajuda a me sentir mais próximo, mesmo à distância.”

A saudade representa, segundo Sayad (1998), a expressão simbólica da “dupla ausência” do imigrante, aquele que não está mais em seu país de origem e ainda não é plenamente reconhecido no novo território. A morte da mãe de Tijo, durante a pandemia, reforça essa condição de desenraizamento:

Em 2021, minha mãe faleceu. Foi muito difícil, principalmente porque não consegui ir ao enterro. Não havia voos do Brasil para o Haiti por causa da pandemia e da crise política. Até hoje está difícil voltar, por causa da violência. Então, além da saudade, também sofro com a situação do meu país.(Tijo)

Essa fala revela a dimensão emocional e simbólica da migração, onde a perda e a impossibilidade de retorno acentuam o sentimento de deslocamento identitário. Hall (2006) descreve esse processo como a identidade diaspórica, marcada pela constante negociação entre pertencimento e ausência. Outro aspecto importante do relato de Tijo é o enfrentamento do preconceito racial e social:

Já sofri discriminação, principalmente na rua. Lembro que um homem me falou: ‘Olha, tem muita gente preta chegando aqui. Essa cidade é para italianos e alemães. No trabalho, alguns colegas diziam que lavar carros era serviço para imigrantes e que era um trabalho inferior.’(Tijo)

Essas experiências revelam a persistência do racismo estrutural no contexto brasileiro, especialmente em regiões de forte colonização europeia. Mesmo diante dessas situações, Tijo adota uma postura de resistência e empoderamento:

Quando diziam que meu serviço era desvalorizado, eu pensava: 'Eu sei porque estou aqui. Não vou ficar aqui para sempre.' Fiquei um ano e dois meses e depois abri meu próprio negócio. Para nós, imigrantes, o mais importante é ter um objetivo. Quando enfrentamos essas situações, precisamos lutar e não ficar parados. (Tijo)

A fala demonstra um movimento de autoafirmação e reconstrução de identidade frente às adversidades, aspectos centrais da trajetória de muitos haitianos no Brasil (Basinger, 2018). Tijo também reflete sobre as expectativas criadas antes da migração e o confronto com a realidade vivida:

Muitos haitianos, inclusive eu, achávamos que, ao sair do país e chegar em lugares como Brasil, Canadá, França ou Estados Unidos, tudo seria fácil, que iríamos ganhar muito dinheiro. Achei que me adaptaria rápido, mas foi o contrário. A realidade foi mais difícil do que imaginei. (Tijo)

Ao reconhecer essas limitações, Tijo demonstra consciência crítica sobre o processo migratório, ampliando a compreensão de que a mobilidade geográfica não garante mobilidade social. A experiência de Tijo sintetiza elementos centrais da imigração haitiana em Chapecó: a busca por inserção econômica, o enfrentamento das barreiras linguísticas e raciais, o peso da saudade e a reinvenção de si em um novo contexto social.

Seu relato, permeado por dor, resistência e esperança, confirma que a migração é, ao mesmo tempo, um ato de sobrevivência e de reconstrução identitária. Como destaca Sayad (1998), o migrante é um “ser social em trânsito”, permanentemente entre dois mundos: o da origem e o da chegada. Nesse entremeio, Tijo constroi sua própria narrativa de pertencimento, mostrando que, mesmo em meio ao preconceito e à distância, é possível reinventar-se e reconstruir o próprio lugar no mundo. O relato de Aude evidencia os impactos subjetivos e sociais da migração, revelando como o deslocamento geográfico se traduz em deslocamentos identitários e emocionais. Ao dizer “Me senti muito estrangeira quando cheguei no Rio de Janeiro”, a participante descreve o sentimento de estranhamento e desenraizamento, conceitos centrais nas teorias sobre migração e identidade (Hall, 2003; Sayad, 1998).

O idioma aparece como o principal obstáculo: “A maior dificuldade foi o idioma... muitas vezes eu entendia o que o professor falava e queria participar, mas não encontrava as palavras certas.” Essa dificuldade linguística é mais do que um problema de comunicação ela se torna uma barreira simbólica que reforça o sentimento de exclusão e invisibilidade (Bourdieu, 1998). Aude internaliza o medo de errar e “guarda suas emoções”, o que demonstra um processo de auto silenciamento decorrente do medo de ser julgada (Fanon, 2008).

A saudade e o afastamento dos pais “Sinto saudades todos os dias... É muito triste não poder ver quem você costumava ver todos os dias” revelam o impacto emocional do rompimento com o lar, algo comum entre migrantes na diáspora. Esse sentimento é reforçado por pequenas diferenças do cotidiano “mesmo quando estava em casa cozinhando, percebia que tudo era diferente”, mostrando como a migração afeta até os hábitos mais íntimos.

Aude relata uma forma sutil de discriminação, expressa pela exclusão nas atividades universitárias: “os colegas evitavam fazer grupo comigo... havia exclusão, e faltava inclusão.” Esse tipo de preconceito, velado e indireto, reflete o que autores como Almeida (2019) apontam como racismo estrutural e xenofobia cotidiana, especialmente contra populações negras e migrantes do Sul Global. Mesmo em um ambiente universitário, que deveria ser inclusivo, a diferença linguística e cultural é usada como marcador de exclusão.

Aude expressa um choque entre a expectativa idealizada e a realidade vivida: “Eu pensava que as coisas seriam mais fáceis... Achei que o acolhimento seria mais simples e que eu me adaptaria mais rápido ao idioma.” Esse contraste demonstra como o imaginário migratório muitas vezes está associado a narrativas da expectativa de acolhimento, que nem sempre se confirmam na prática (Sayad, 1998). A experiência de Aude mostra a complexidade da inclusão, marcada por desafios materiais (trabalho, clima) e simbólicos (pertencimento, reconhecimento).

Apesar dos obstáculos, Aude desenvolve estratégias de resistência e adaptação: faz curso de português, assiste a filmes, usa aplicativos e busca se inserir na universidade. Essas práticas revelam agência ou seja, a capacidade do sujeito migrante de construir caminhos de inclusão mesmo diante de adversidades. O aprendizado do idioma e a adaptação ao frio são exemplos de um processo contínuo de resignificação cultural. O relato de Aude sintetiza uma vivência comum entre imigrantes haitianos no sul do Brasil: a de uma identidade em trânsito,

que precisa se reinventar em meio a desafios linguísticos, culturais e emocionais. Sua narrativa revela um processo de reconstrução de si no encontro com o outro processo que é tanto doloroso quanto transformador. O relato de Nadine expressa aspectos emocionais, culturais e sociais profundamente entrelaçados na experiência migratória haitiana em Chapecó. Seu depoimento revela sentimentos de saudade, deslocamento, discriminação e resistência, temas recorrentes em pesquisas sobre imigração. Nadine conta seu relato destacando a alegria inicial de viajar, interpretando a vinda ao Brasil como uma conquista pessoal. Contudo, com o passar do tempo, essa expectativa é substituída por nostalgia e frustração, sobretudo por não ter retornado ao Haiti após sete anos, diz ela:

Quando cheguei, eu estava feliz, porque era a minha primeira viagem internacional e eu via aquilo como uma conquista. Mas eu nunca imaginei que ficaria sete anos sem voltar para o Haiti. Agora já fazem sete anos e ainda não consegui voltar. Quando eu era mais jovem, nunca pensei em deixar meu país para morar fora. Eu tinha o sonho de montar meu próprio negócio e viver no Haiti. Mas estou aqui, e a situação no meu país está piorando a cada dia. Quando cheguei, caí em depressão, porque estava triste, deixei amigos, atividades, tudo. Eu também não sabia falar português, não entendia o que as pessoas diziam.

Mesmo assim, eu pensava que um dia as coisas melhorariam. Mas sempre sinto uma nostalgia e vontade de voltar. Todo haitiano que vive em outro país carrega esse sentimento. (Nadine)⁶

Essa transição entre entusiasmo e desilusão é comum em processos migratórios. De acordo com Sayad (1998), o imigrante vive uma “dupla ausência”: ele se encontra distante de seu país de origem e, ao mesmo tempo, não totalmente inserido no país de destino. Nadine expressa exatamente essa sensação quando diz: “*sempre fico com essa nostalgia que um dia eu gostaria de voltar no meu país*”. A dificuldade com a língua portuguesa é um ponto central no relato. Nadine menciona que não compreendia o que as pessoas falavam e que essa barreira dificultou sua inclusão e gerou sofrimento emocional.

Segundo Bourdieu (1996), a língua é também um instrumento de poder simbólico: quem domina o idioma tem legitimidade social, enquanto quem não domina é excluído de certos espaços. A experiência de Nadine ilustra essa exclusão simbólica. Nadine relata ter sofrido discriminação e exclusão em um curso de estética episódios em que colegas a isolaram e até apagaram seu nome de um grupo de trabalho. Esses acontecimentos refletem formas de racismo e xenofobia veladas, presentes mesmo em ambientes educacionais.

⁶ Nadine o nome da entrevistadora

Apesar da saudade, Nadine demonstra alívio ao saber que sua mãe está feliz com sua partida, por acreditar que ela estaria mais segura no Brasil. Esse aspecto evidencia um paradoxo emocional comum aos migrantes: a distância doi, mas é compensada pela percepção de que há melhores condições de vida e segurança fora do Haiti. Essa ambiguidade afetiva é descrita por Hall (2003) como parte da identidade diaspórica, marcada por uma constante negociação entre o “lá” (origem) e o “aqui” (destino).

Nadine relata que sua família e amigos não viam o Brasil como um bom destino, preferiam países como EUA, Canadá ou França. A fala de Nadine reforça a ideia de que a escolha do Brasil é muitas vezes uma alternativa secundária, marcada mais pela possibilidade de entrada do que pelo prestígio econômico.

2.2 Apoio que os migrantes encontraram em chapecó

A imigração haitiana para o Brasil, intensificada após o terremoto de 2010, trouxe milhares de haitianos a regiões como Chapecó (SC), atraídos por oportunidades de trabalho e pela relativa estabilidade social. Entretanto, o deslocamento implicou profundas transformações emocionais, identitárias e culturais, que são aqui compreendidas sob uma perspectiva autoetnográfica.

As entrevistas com Nilson, Tijo, Nadine e Aude revelam os desafios da adaptação, às estratégias de enfrentamento e o papel crucial das redes religiosas e afetivas na reconstrução do pertencimento. “Sei que existe preconceito contra pessoas de fora, mas comigo foi mais de forma indireta. [...] Lembro de uma vez em que um brasileiro disse que para ser haitiano teria que ‘pintar a pele’. Isso me marcou.” (Nilson).

O relato de Nilson evidencia a presença de racismo velado e a percepção de uma diferença racial e cultural que marca os haitianos no sul do Brasil. Essa experiência de discriminação, embora dolorosa, é enfrentada com resiliência e apoio emocional da família e da fé.

A consciência de que “o preconceito existe, mas não podemos desistir”, como dirá Aude mais adiante, torna-se um discurso coletivo de resistência e persistência. Em todos os relatos, o Salão do Reino das Testemunhas de Jeová aparece como o principal espaço de apoio emocional, espiritual e social: “As reuniões são uma terapia emocionalmente. Isso me ajuda a me socializar, inclusive com brasileiros.” (Nilson)

“As publicações, vídeos e livros que falam sobre a morte me ajudaram muito a lidar com esse momento.” (Tijo)

“Ver outros brasileiros aprendendo e falando em crioulo me deu muita coragem.” (Nadine)

“Quando cheguei aqui em Chapecó, fui direto ao Salão do Reino. [...] As reuniões eram na minha língua materna, o crioulo. Isso me ajudou muito a me adaptar.” (Aude)

A religião atua como um elo simbólico entre o Haiti e o Brasil, fortalecendo a língua e a identidade cultural haitiana. Ao mesmo tempo, é um espaço de socialização e interculturalidade, pois congrega brasileiros e haitianos em um mesmo ambiente de fé e solidariedade. O uso do crioulo haitiano nas reuniões oferece conforto linguístico e identidade, enquanto o aprendizado do português ocorre de forma natural e afetiva. A religião, portanto, é não apenas espiritual, mas também educacional, emocional e social, funcionando como refúgio simbólico e escola de convivência intercultural.

“Em 2021, minha mãe faleceu. Foi muito difícil para mim, principalmente porque não consegui ir ao enterro.” (Tijo)

“Agora só consigo falar com meus pais pelo WhatsApp. [...] é muito triste não poder ver quem você costumava ver todos os dias.” (Aude)

Os relatos de Tijo e Aude revelam o luto migratório e a dor da distância familiar, intensificada pelas barreiras econômicas, políticas e, mais recentemente, pela pandemia. Essa impossibilidade de “estar presente” nos momentos de perda e saudade representa o que sayad(1998) define como a dupla ausência. O migrante não pertence completamente nem ao país de destino. A fé cumpre, aqui, uma função terapêutica: ajuda a simbolizar a ausência e a transformar o sofrimento em esperança. Os recursos religiosos (livros, vídeos, pregações) e o contato virtual com familiares criam uma rede emocional transnacional, que sustenta o equilíbrio psíquico dos migrantes.

“O frio, a língua e as diferenças culturais foram desafios diários.” (Aude)

“Aprendi que o português falado na sala de aula é diferente do falado na rua ou no trabalho.” (Tijo)

As falas de Tijo e Aude demonstram a complexidade da adaptação cultural. A língua é percebida como uma barreira, mas também como instrumento de pertencimento. O contato com brasileiros dentro das congregações religiosas cria situações bilíngues de aprendizado mútuo, reduzindo o isolamento e fortalecendo a autoconfiança dos imigrantes.

Aude também destaca o papel do grupo de WhatsApp entre amigos haitianos, onde “desabafam e dão conselhos uns aos outros”, reforçando o apoio coletivo e emocional à distância de uma extensão digital das redes comunitárias.

“Quando eu me sentia triste, eu dormia, ouvia músicas, assisti vídeos na internet e assim eu conseguia superar esses obstáculos.” (Nadine)

As falas de Nadine e Aude revelam como o enfrentamento do isolamento envolve tanto práticas de fé quanto estratégias de autocuidado. Essas ações cotidianas de ouvir música, descansar, participar de cultos online são formas de regular as emoções e reconstruir a estabilidade interna em meio à saudade e ao preconceito. A fé, nesse sentido, não é uma fuga, mas uma prática de resistência emocional, que ajuda a manter a esperança e o propósito.

Os quatro entrevistados constroem suas redes de apoio em diferentes níveis: Congregação das Testemunhas de Jeová como núcleo de apoio espiritual e social, convivência entre falantes de crioulo e português, grupos de WhatsApp entre haitianos e familiares no Haiti, amizade com brasileiros, colegas de trabalho e membros da igreja. Essas redes formam uma comunidade transnacional de solidariedade, onde o sentimento de pertencimento ultrapassa fronteiras geográficas e se ancora na fé, na língua e na experiência compartilhada.

As narrativas de Nilson, Tijo, Nadine e Aude demonstram que a experiência migratória haitiana em Chapecó é marcada pela tensão entre perda e reconstrução. Apesar do preconceito e das dificuldades de adaptação, esses imigrantes encontram força, acolhimento e inclusão principalmente por meio da fé e das redes comunitárias. O Salão do Reino das Testemunhas de Jeová assume papel central nesse processo, funcionando como um espaço de acolhimento espiritual, emocional e cultural, onde o crioulo e o português convivem, e onde se constroi um novo senso de lar e de comunidade.

Assim, a imigração é vivida não apenas como deslocamento físico, mas como um processo de reconstrução simbólica e emocional do eu, no qual religião, língua e solidariedade tornam-se pilares de resistência e esperança.

2.3 Benefícios oferecidos pelo Brasil aos imigrantes haitianos

O Brasil oferece diversos benefícios aos imigrantes haitianos como forma de acolhimento humanitário e promoção da inclusão social. Com a documentação brasileira, os imigrantes haitianos podem trabalhar de forma regular, tendo acesso aos direitos trabalhistas previstos na legislação, como carteira assinada, salário mínimo, férias e décimo terceiro salário. Além do direito ao trabalho, os haitianos têm acesso gratuito ao Sistema Único de Saúde, podendo utilizar serviços médicos, realizar exames, receber vacinas e atendimento de urgência e emergência. Na área da educação, é garantida a matrícula de crianças e adolescentes na rede pública de ensino, bem como a possibilidade de ingresso em universidades públicas, conforme os critérios estabelecidos. Também existem cursos de língua portuguesa e capacitação profissional oferecidos por órgãos públicos e organizações da sociedade civil, que auxiliam na adaptação ao país.

No campo da assistência social, os imigrantes haitianos podem recorrer aos serviços oferecidos pelos Centros de Referência de Assistência Social, além de abrigos temporários em situações de vulnerabilidade. Em alguns casos, é possível o acesso a programas sociais, desde que atendam aos requisitos legais. O Estado brasileiro também assegura proteção contra discriminação e xenofobia, garantindo acesso à Justiça e ao apoio da Defensoria Pública da União para questões migratórias. Dessa forma, o Brasil busca promover a inclusão, a dignidade e o respeito aos direitos humanos dos imigrantes haitianos em seu território.

Todos os entrevistados mencionam o acesso gratuito ou facilitado a cursos, especialmente de português, técnicos e universitários. Isso indica que políticas públicas e programas educacionais voltados à inclusão de imigrantes estão sendo efetivos em Chapecó e região. Nilson: “Uma das primeiras coisas que fiz foi me matricular em um curso de português em Dourados... Aqui fiz um curso técnico de Logística... e atualmente sou estudante de Pedagogia na UFFS.”

- Mostra acesso gratuito à educação pública e ensino superior federal (UFFS).

Aude: “Fiz dois cursos técnicos: um em Gestão de Vendas e outro em Técnico de Enfermagem... atualmente trabalho como técnica de enfermagem em um hospital

- Demonstra formação técnica e inserção no mercado formal.

Nadine: “Fiz curso de português na Universidade Federal da Fronteira do Sul, fiz curso técnico de estética... e agora estou cursando Ciências Sociais.”

- Evidencia o acesso à universidade pública e o benefício da gratuidade do ensino superior.

Esses exemplos reforçam a presença de políticas de inclusão educacional e oportunidades criadas pelo sistema público brasileiro. Os participantes apontam que o Brasil lhes ofereceu condições de trabalho formal e possibilidade de empreender, o que é um ponto de destaque na inclusão econômica dos imigrantes.

Nilson: “Tenho família, trabalho e estudo.”

Tijo: “Hoje, tenho uma oficina mecânica. Não trabalho como técnico de enfermagem porque ganho mais com meu próprio negócio... Para mim, vale mais a pena empreender.”

- Demonstra mobilidade profissional e liberdade para empreender benefícios indiretos garantidos pela regularização migratória e pelo CNPJ de pessoa estrangeira. Esses relatos indicam que o Brasil possibilita aos haitianos abrir empresas, pagar impostos e viver legalmente, o que demonstra um ambiente institucional favorável à inclusão.

A percepção de segurança é recorrente um benefício importante para quem vem de contextos de instabilidade política e econômica, como o Haiti.

Nilson: “Aqui me sinto mais seguro e tenho família, trabalho e estudo.”

Aude: “Chapecó é uma cidade calma, muito boa para viver. “Acesso à cidadania e naturalização”

Um dos entrevistados já conseguiu a naturalização brasileira, o que demonstra abertura legal e institucional para plena inclusão. Tijo: “Posso dizer que amo o Brasil. Me naturalizei brasileiro e me casei com uma brasileira de Porto Alegre.” Esse relato mostra a existência de caminhos formais para a cidadania, fruto das políticas brasileiras de acolhimento e inclusão dos haitianos desde 2010 (Resolução Normativa nº 97/2012 do CNIg, que criou o visto humanitário).

Apesar dos benefícios, há um sentimento de saudade e desenraizamento cultural:

Nilson: “Sinto falta da praia, de sair em grupos com amigos e visitar parentes sem avisar.”

Aude: “Sinto falta dos meus amigos que ficaram no Haiti e de algumas comidas típicas.”

*Nadine: “Se me perguntam para escolher entre Haiti e Brasil, eu ia escolher Haiti, porque é meu país”.*Essas falas mostram que, mesmo com as oportunidades, a identidade

haitiana permanece central na vida dos imigrantes. Essas falas mostram o Brasil (e especialmente o oeste catarinense) como um espaço de tranquilidade, paz e oportunidade de recomeço.

Tijo: “Posso dizer que amo o Brasil. Me naturalizei brasileiro e me casei com uma brasileira de Porto Alegre.” Esse relato mostra a existência de caminhos formais para a cidadania, fruto das políticas brasileiras de acolhimento e inclusão dos haitianos desde 2010 (Resolução Normativa nº 97/2012 do CNIg, que criou o visto humanitário).

Apesar dos benefícios, há um sentimento de saudade e desenraizamento cultural:

Nilson: “Sinto falta da praia, de sair em grupos com amigos e visitar parentes sem avisar.”

Nadine: “Se me perguntam para escolher entre Haiti e Brasil, eu ia escolher Haiti, porque é meu país.” Essas falas mostram que, mesmo com as oportunidades, a identidade haitiana permanece central na vida dos imigrantes, um aspecto importante a destacar na sua autoetnografia.

As entrevistas evidenciam que o Brasil, e especialmente Chapecó, ofereceu aos imigrantes haitianos oportunidades concretas de reconstrução de vida, por meio de: acesso à educação pública gratuita, oportunidades de trabalho e empreendedorismo, segurança social e institucional, e, em alguns casos, acesso à cidadania plena.

3 Conclusão

Podemos dizer que eles deixaram seus países principalmente relacionados às dificuldades econômicas, instabilidade política e desastres naturais e, também para buscar uma vida melhor, para trabalhar e ajudar sua família que ficou lá. Os haitianos deixam o Haiti para emigrar para outros países por vários motivos, principalmente relacionados a dificuldades econômicas, instabilidade política e desastres naturais. A pesquisa evidencia que a experiência migratória haitiana em Chapecó é marcada por um conjunto complexo de fatores estruturais, emocionais, culturais e institucionais, que se articulam tanto no processo de saída do Haiti quanto na construção de uma nova vida no Brasil. Ao adotar a autoetnografia como metodologia central, o estudo permitiu articular vivências pessoais e coletivas, revelando dimensões subjetivas que dificilmente seriam captadas por abordagens estritamente objetivas. Como afirma Versiani (2005), a autoetnografia possibilita “uma escrita que combina o eu e o social”, permitindo compreender o fenômeno migratório a partir de dentro, de modo situado e crítico.

As trajetórias analisadas mostram que os haitianos escolhem o Brasil movidos por uma combinação de fatores: o desejo de reconstruir a vida diante da crise humanitária agravada pelo terremoto de 2010, a busca por oportunidades de trabalho e estudo, e a influência das redes de apoio já estabelecidas no país. Contudo, o percurso migratório é atravessado por inseguranças, violência e precarizações, como ressaltam pesquisas anteriores citadas, que apontam violações de direitos no deslocamento e dificuldades de regularização documental (Zamberlan, 2014; Handerson, 2018). No contexto brasileiro, tais desafios se desdobram em barreiras linguísticas, racismo e dificuldades de inserção laboral e habitacional, revelando que a adaptação não é linear, mas permeada por tensões e resistências.

A presente autoetnografia permitiu compreender que a imigração haitiana em Chapecó é marcada por profundas tensões entre acolhimento e exclusão, oportunidades e desigualdades, pertencimento e deslocamento. Ao analisar as trajetórias de Nilson, Tijo, Aude e Nadine — e ao articular essas narrativas com a experiência do próprio pesquisador — torna-se evidente que o racismo constitui um dos eixos centrais que estruturam a vivência migratória dos haitianos no município.

Embora muitos imigrantes reconheçam que Chapecó oferece segurança, oportunidades de estudo, trabalho e inserção social, suas narrativas revelam que tais benefícios não anulam as barreiras simbólicas e materiais impostas pela cor da pele, pela língua e pela condição de estrangeiro. Conforme apontam autores como Fanon (2008), e Almeida (2019), o racismo se

manifesta tanto de forma explícita quanto velada e os relatos dos participantes confirmam essa ambiguidade no cotidiano chapecoense.

Os episódios descritos como piadas raciais, olhares de desconfiança, exclusões na universidade, comentários depreciativos no trabalho, preços de aluguel diferenciados e a recusa de proprietários em alugar casas para haitianos evidenciam que o preconceito não se limita à xenofobia. Ele está profundamente enraizado na racialização do corpo negro haitiano. Assim, os imigrantes vivenciam uma dupla marcação social: ser negro e ser estrangeiro, o que intensifica a experiência de discriminação e reforça o lugar de alteridade.

Isso é coerente com a noção de “dupla ausência” de Sayad (1998): o haitiano não pertence totalmente ao Haiti, de onde partiu, nem ao Brasil, que o acolhe, mas não o reconhece plenamente. O racismo, dessa forma, opera como um mecanismo que produz fronteiras invisíveis e sustenta a sensação de não pertencimento, como demonstrado no medo de errar ao falar português, na insegurança ao procurar moradia e no desconforto ao circular por espaços públicos.

Outro ponto fundamental revelado pela autoetnografia é que o racismo não impede totalmente a construção de trajetórias bem-sucedidas, mas molda o modo como essas trajetórias se constroem. O esforço desproporcional exigido desses sujeitos para obter trabalho, aprender o idioma, estudar, empreender e se inserir socialmente demonstra que a inclusão não ocorre de forma igual para todos: ela é atravessada por hierarquias raciais e econômicas que favorecem alguns e dificultam outros. Assim, este estudo evidencia que a experiência haitiana em Chapecó não pode ser compreendida apenas como um movimento de mobilidade econômica ou busca de oportunidades. Trata-se de um processo de reconstrução identitária marcado pela luta diária contra o racismo, pela saudade do país de origem, pela esperança de um futuro melhor e pela busca constante por reconhecimento.

As vivências narradas demonstram que a chegada a Chapecó envolve, simultaneamente, acolhimento e vulnerabilidade. Enquanto alguns espaços como a universidade, grupos religiosos e redes de compatriotas se constituem como importantes suportes de acolhida e pertencimento, outros contextos revelam preconceitos e desigualdades que limitam a cidadania plena dos imigrantes. Como afirma Stevenson (2023), a falta de preparo de agentes públicos e a persistência da xenofobia contribuem para a marginalização dos migrantes, reforçando sentimentos de não pertencimento.

Apesar disso, as narrativas mostram também que a resistência haitiana é profundamente coletiva e comunitária. O apoio emocional, espiritual e linguístico oferecido pelas redes religiosas. A experiência da comunidade haitiana, ligada às Testemunhas de Jeová

em Chapecó, revelou-se um aspecto significativo para compreender processos de socialização. A religião, conforme Berger (1985), funciona como um recurso de ordenação do mundo, oferecendo sentido, estabilidade e esperança. Para muitos haitianos, as reuniões religiosas se tornam espaços de apoio moral, reconstrução emocional e fortalecimento comunitário, atuando como estratégias de resistência e ressignificação da experiência migratória. A fé, a língua crioula, as redes de amizade e os grupos de apoio funcionam como dispositivos de cura, identidade e pertencimento.

Ao longo da pesquisa, tornou-se evidente que a migração haitiana para Chapecó não pode ser compreendida apenas a partir de indicadores socioeconômicos, mas precisa ser analisada como um fenômeno que envolve identidade, pertencimento, narrativas culturais e trajetórias singulares. Os relatos pessoais, somados às entrevistas e observações, mostram que a vida no Brasil é marcada por conquistas e dificuldades, por acolhimento e discriminação, por sonhos e frustrações, um campo de experiências que, ao contrário da visão idealizada difundida no Haiti, exige esforço contínuo de adaptação e reinvenção. O combate ao racismo institucional, estrutural e cotidiano é indispensável para que a imigração haitiana seja vivida de forma plena, digna e humana. A cidade de Chapecó, apesar dos avanços e das redes de apoio existentes, ainda precisa ampliar ações de inclusão, políticas públicas e espaços de diálogo intercultural para garantir que os haitianos não sejam apenas trabalhadores presentes na economia local, mas cidadãos plenamente reconhecidos e respeitados em sua diversidade cultural e racial.

Por fim, a autoetnografia demonstra que narrar a própria experiência e ouvir as experiências dos outros não apenas ilumina o fenômeno migratório, mas também constitui um ato político e de resistência. Ao dar voz aos sujeitos haitianos que vivem em Chapecó, este trabalho contribui para romper silêncios históricos e para evidenciar que a luta contra o racismo é também uma luta pela humanidade, pertencimento e justiça social.

Assim, esta pesquisa contribui para desfazer mitos sobre a migração haitiana, iluminar desafios cotidianos e, sobretudo, valorizar as vozes e perspectivas dos próprios imigrantes. Ao mobilizar a autoetnografia, reafirma-se a importância de uma ciência que, como propõe Versiani (2005), seja “dialógica, encarnada e plural”, capaz de reconhecer que o conhecimento se constroi também a partir da experiência vivida e compreender a presença haitiana em Chapecó implica reconhecer não apenas as dificuldades enfrentadas, mas também as estratégias de resistência, solidariedade e reconstrução identitária que marcam a vida dos imigrantes.

Que essas reflexões sirvam de base para políticas públicas mais inclusivas, práticas institucionais mais sensíveis e para a valorização da diversidade que compõem o tecido social brasileiro. Como aponta Barth (2005), as identidades étnicas são construções dinâmicas e relacionais; portanto, compreender os haitianos em Chapecó é compreender a própria cidade em transformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

A SENTINELA. **Quem são as Testemunhas de Jeová?** Brooklyn: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2015.

BAENINGER, Rosana. **Imigração Haitiana no Brasil: novos fluxos e desafios**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2018.

BANCO MUNDIAL. Haiti: **documentos e relatórios – a taxa nacional de pobreza em 2020 é estimada em quase 60%**. Banco mundial,

2021. <https://documents1.worldbank.org/curated/en/288211601573730320/pdf/Main-Report.pdf>
BARTH, Fredrik. Etnicidade e o conceito de cultura. *antropolítica*, niterói, n. 19, 2º semestre, 2005.

https://www.ppgcspa.uema.br/wp-content/uploads/2015/06/docslide.com.br_barth-etnicidade-e-o-conceito-de-cultura.pdf

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANTAZZINI, Orlando et al. **Políticas Públicas para as Migrações Internacionais**. 2005. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/dados/livros/dht/livro_migracoes_fantazzini.pdf. Acesso: 15 dez. 2023

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL (FMI). **Selected economic and financial indicators**: Haiti, fy2019–25. relatório anual, 2023.

GUIARRARA, Paloma. Haiti: economia, agricultura e setor terciário. Brasil Escola, 2016. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/haiti.htm> Acesso em: 15 Oct. 2025.

GUIARRARA, Paloma. **Haiti. Mundo Educação (UOL)**. Disponível em: mundoeducacao.uol.com.br. Acesso em: 17 nov. 2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANDERSON, J. **Diáspora: as dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. Tese (Doutorado), Museu Nacional/UFRJ, 2015.

JUNIOR, Stevenson J. N. P. **Migração e políticas públicas em Chapecó: uma análise da criação e implementação**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) Universidade federal da fronteira sul, Curso de licenciatura em ciências sociais, Chapecó,SC, 2023.

MUNDO EDUCAÇÃO (UOL). **Haiti**. disponível em: mundoeducacao.uol.com.br. acesso em: 17 NOV. 2025.

SAYAD, Abdelmalik. **A imigração: ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. **A dupla ausência: das ilusões do emigrado às misérias do imigrante**. São Paulo: Edusp, 1998.

SANTOS, S. M. A. (2017). **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios**. plural, <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2017.113972> 24(1), 214-241.

STAUDT, A. M. **A presença brasileira no Haiti: atuação econômica e política externa**. Revista de Estudos Internacionais, v. 9, n. 2, 2014.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. **Autoetnografias: conceitos alternativos em construção**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

WAGNER DE CERQUEIRA E FRANCISCO. **Haiti**. mundo educação, 2025.
<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/haiti.htm>

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.